

ZAZÁ NAPOLI, O TRAVESTI QUE RENDEU O RIVOLI, FALA SEM PRECONCEITOS AO AUDIÊNCIA

“Antes de ser descoberto pelo La Féria, eu já era o José Raposo”

Às vezes até através de maus trabalhos e de textos que temos que fazer para ganhar a vida, o actor torna-se muito mais visível. Eu, sinceramente não ligo a isso. Gosto é de fazer coisas que me dão gozo. E, com o La Féria, isso acontece.



Apaixonou o Porto com o leiteiro Tevye de “Um Violino no Telhado”. Podia ter-se ido embora deixando o Norte para trás, mas o amor à profissão e a versatilidade que diz já lhe estar no sangue mantiveram-no agarrado ao Teatro Rivoli e aliciaram-no ainda mais para a nova produção de La Féria que já está a mudar mentalidades no Norte. É Carlos Alberto ou “Zazá”. Como preferirem. É, antes de tudo, o José Raposo. O tímido actor natural de Angola, que ama o palco, que não descarta a televisão, que já experimentou o cinema, mas o que gosta mesmo é de ser ele próprio. De improvisar. De fazer rir. De se render à comédia. Sabe que o público é fiel à sua condição e nem o facto de, no papel de um dos mais famosos travestis portugueses, causar polémica na conservadora cidade nortenha, o faz temer o prestígio. “Sou o que sou” é o lema. Canta-o na “Gaiola das Loucas”, põe em pele de galinha o público e, acima de tudo, sente-o.

Por Cristiana Maia e Joaquim Ferreira Leite

Depois do leiteiro Tevye, uma personagem tradicional, surge-lhe Carlos Alberto (Zazá), uma personagem despedida de preconceitos. Como foi para si gerir esta transição? Foi um desafio?

É sempre um desafio. Eu não dou mais importância a um papel do que a outro. São papéis diferentes e é essa a magia da arte de representar: fazermos e vestirmos a pele de personalidades diferentes. Neste caso, como é uma mulher, as pessoas têm logo a tendência para pensar que é mais difícil. Mas o Carlos Alberto não é bem uma mulher. É um transformista. Um homem que faz *travestismo*. Não é propriamente representar uma personagem feminina, mas uma personagem masculina que se transforma. É aliciante porque tem que ter uma postura muito diferente da do Tevye. Mas isso é que é o maravilhoso da pro-

fissão de actor: poderemos transformar-nos em personagens tão diferentes como estas duas.

Já se tinha imaginado num papel deste tipo?

Estes espectáculos do Filipe La Féria levam as pessoas a dizer “nunca pensei que você pudesse fazer tal papel”. Eu já fiz, obviamente, outros travestis. Talvez nunca tão sublimes e glamourosos como este. Os outros seriam, se calhar, mais burlescos. Este pretende ser uma personalidade muito humana, que tem a característica de ser um transformista. É, obviamente, homossexual mas, acima de tudo, é um homem com uma humanidade muito grande e, nesta peça, explora-se a relação homossexual que é muito polémica, como é lógico. Ainda temos uma sociedade muito conservadora e ainda existem muitos preconceitos nesse sentido. Mas, até por isso, é bom falar-se do tema, expô-lo da forma como esta peça o faz, dizendo que as relações são um acto de amor, seja lá entre que seres forem. Neste caso, são dois homens, que se amam, que têm um caso, que têm um filho em comum que é biológico só de um deles e o Alberto é como se fosse a “mãe”. E depois toda essa polémica que é muito actual relacionada com a adopção ou não de filhos. Tudo isso é visto ali de uma forma muito positiva e, acima de tudo, de uma forma muito ligeira. Porque a peça é uma comédia e as pessoas vão ali, acima de tudo, para rir muito.

Dado que já interpretou personagens travestis, pode depreender-se que foi fácil a

apreensão deste desempenho?

Fácil nunca é. Eu acho que nenhuma personagem é fácil de interpretar. Claro que os actores podem ter ou não talento para o poder expor de uma forma credível. Isso é outra coisa. E a direcção de actores conta muito, tal como a contra-cena e o texto. O teatro é uma arte colectiva e há uma série de vertentes que fazem parte do resultado final. E fazer a Zazá só foi possível com a ajuda de muita gente. Tive que estar quatro meses em ensaios a andar de salto alto; tive que andar muito com a postura feminina de um lado para o outro, além de fazer a peça toda várias vezes por dia, de início ao fim. As pessoas não sabem, mas é intenso e violento o ensaio de uma peça de teatro.

Ficou surpreendido com o convite de Filipe La Féria para desempenhar este papel, atendendo a que o Carlos Alberto é o oposto do Tevye? Aceitou de imediato ou ficou a pensar?

Não fiquei surpreendido, porque o Filipe já me tinha falado nestes dois papéis, tanto no do “Um Violino no Telhado” como no da “Gaiola das Loucas” já desde a “Rainha do Ferro Velho”, há uns cinco ou seis anos. Felizmente para mim, o Filipe aprecia-me como actor e eu aprecio-o como encenador. Temos uma relação profissional muito boa, para além de sermos amigos, obviamente. E como há este entendimento profissional, é natural que ele confie em mim para personagens tão diferentes. O actor é isto mesmo. O desafio do actor é fazer coisas completamente diferentes.



Atendendo que esta personagem é bastante polémica, e que a cidade do Porto é ainda bastante conservadora nesse aspecto, não acha que a interpretação deste papel pode vir a prejudicar o José Raposo?

Não. Porque é que isso havia de acontecer? Eu sou actor e estou pronto para interpretar os papéis que forem precisos. Os actores "fazem de...". Não "são". Eu faço uma personagem que se transforma, mas não tenho nada a ver com essa personagem. Isso é básico, nem tem discussão.

Quando terminada a peça, na saudação, há um cumprimento mais "afectuoso" entre o Raposo e o Carlos Quintas. Alguns espectadores consideram exagerada a cena...

Não. Faz parte do original. Eu vi a peça em Londres e em Nova Iorque. Só não vi em França. Essa é uma das partes da peça, é a despedida deles.

Acha que este espectáculo fica aquém das versões de Londres e Nova Iorque?

Não. Este espectáculo é melhor, em todos os aspectos. Eu sou suspeito, mas todos nós sabemos que isso se deve ao Filipe [La Féria]. Ele conseguiu suplantar os espectáculos estrangeiros. Ele teve autorização dos autores para juntar a comédia ao musical. No original, o espectáculo é um

musical. Mas ele juntou-lhe, mesmo assim, alguns textos da comédia que foi feita em França. Ele apanhou muitas cenas desse texto original, que eu acho muito bem, para ter ainda mais graça.

Pensa que, ao ir buscar o melhor de todas essas peças, ele conseguiu um produto quase perfeito?

Pode-se dizer que sim. Nada é perfeito, mas ele conseguiu atingir quase isso.

A mensagem da peça é importante e delicada. Essa mensagem dada pelo Carlos Alberto, podia também ser transmitida pelo José Raposo?

Sim. É uma mensagem muito importante dizer que somos todos iguais, pelo menos em termos de direitos. Devíamos ter todos o direito à diferença. Por acaso, não sou homossexual,

mas tenho muitos amigos homossexuais que são exactamente iguais a mim.

Para além da mensagem que traz, diverte-se com a interpretação de Zazá?

Claro que sim. A peça é uma comédia e, se numa comédia não nos divertirmos, não conseguimos divertir o público.

Passado um mês de o espectáculo estar em cena, acha que o público também adere e comunga da mensagem?

Sim, está a aderir em grande, sem dúvida nenhuma.

Como é que ele reage a esta interpretação "travestida" de Raposo?

Sobretudo, o que as pessoas gostam de ver é a versatilidade dos actores. Há uma diferença muito grande entre o personagem anterior e este. Eu ando neste há 28 anos. Eu não fiz só o

Tevye e a Zazá. Eu fiz muitos personagens na vida. Mas as pessoas do Norte não tiveram a possibilidade de ver esses espectáculos. Mas houve outros espectáculos, nomeadamente em Lisboa, em que eu também fiz personagens diferentes uns dos outros. E ser actor é isso mesmo. Há uns que fazem melhor do que outros, que se mexem melhor em géneros mais específicos, uns que são mais vocacionados para o drama, outros para a comédia.

De acordo com as opiniões de outros actores colegas seus, depreende-se que trabalhar para Filipe La Féria é também uma grande ajuda na promoção do trabalho dos actores. Ele conquistou um patamar em que parece que tudo o que lhe vai parar às mãos se transforma "em ouro". Há quem o compare a um "oleiro". Comunga dessa opinião?

Ele é um bicho do teatro. É um homem muito completo em relação ao teatro. Ele vive para o teatro, com o teatro, do teatro. É um homem que mexe muitos "cordelinhos" dentro dessa área tão complexa. Ele é cenógrafo, figurinista, empresário, actor, autor, tradutor, adaptador.

E massacrador?

Também. Claro que é. Mas isso é uma característica dele por causa da procura pela perfeição. Ele é muito perfeccionista e, realmente, massacra as pessoas ao máximo. Ele é um oleiro, um homem fantástico. Mas não é o único. Este é o terceiro espectáculo que faço com o Filipe La Féria e já ando cá há 28 anos. Há outros homens do teatro fantásticos. O Filipe La Féria ganhou foi uma visibilidade muito grande, exactamente por culpa dele. Portanto, ele tem esse mérito que todos nós lhe damos. É que, em Portugal, a história apaga-se muito rapidamente e, então, na Cultura é uma vergonha. O Filipe La Féria vai ficar para a história, como é óbvio. Mas as pessoas apagam facilmente da história nomes importantes. Por exemplo, o Vasco Morgado (pai) seria um Filipe La Féria dos anos 60, 70 e 80. O Filipe La Féria é um Vasco Morgado dos anos de hoje, com a particularidade de se complementar ainda mais. Ele, além de empresário, é estas coisas todas que eu já disse. O Vasco Morgado era só empresário. Mas, eu penso que há ou-

AÇORES

"Gostava de lá ter uma casa"

Em Angra do Heroísmo conheceu a vice-presidente da Câmara, Maria Luísa Brasil, uma mulher da área cultural, cheia de vontade de levar espectáculos do continente a Angra do Heroísmo. Os Açores, não o seduzem?

É um dos cantos do mundo que mais me seduz. Quando eu falo em viagens, os Açores são um dos meus horizontes, sempre. Aliás, eu costumo dizer desde novo que, se eu pudesse ter quatro casas, teria uma em Portugal, nos Açores, em

São Tomé e Príncipe, Brasil e Angola, claro.

Quando é que o Teatro Angrense pode sonhar voltar a vê-lo?

Se este espectáculo pudesse lá ir, era fantástico. Mas é difícil porque estas são grandes produções e o Teatro Angrense é muito mais pequeno, embora nós tenhamos lá ido com a "Rainha do Ferro Velho", que também tinha uma estrutura muito maior. Mas oxalá que a Luísa Brasil possa convencer o Filipe a levar estes dois musicais lá.

Audiência

tras pessoas com muito mérito em Portugal que também podem fazer trabalhos como o do Filipe [La Féria], se tivessem a capacidade que ele teve para, em termos de produção, chegarem a esta estrutura. A essas pessoas faltou a ambição comercial que o Filipe [La Féria] tem de transmitir os seus espectáculos ao grande público. Há outros grandes criadores que eu conheço e com quem também já trabalhei, que não têm a ambição de chegar ao grande povo, às grandes massas. Ficam-se pelas elites. Sei que fazem várias vezes essa pergunta, mas antes do Filipe [La Féria] eu já era o Zé Raposo. Fui criando a minha carreira, embora falar em carreira em Portugal seja uma coisa muito complicada porque nós temos muita dificuldade em fazer o nosso trabalho. Há muito poucos apoios. Eu já era conhecido pelo grande público, sobretudo devido à televisão. Às vezes até através de maus trabalhos e de textos que temos que fazer para ganhar a vida, o actor torna-se muito mais visível. Eu, sinceramente não ligo a isso. Gosto é de fazer coisas que me dêem gozo. E, com o La Féria, isso acontece.

“Não sou cantor, nunca fui e não pretendo sê-lo”

O seu director vocal admitiu estar perante “um grande cantor” quando questionado acerca da sua prestação musical. Esta composição entre actor e cantor ter-lhe-á valido o Globo de Ouro este ano. O que é que representou voltar a ser distinguido com este prémio?

O Globo de Ouro foi para melhor actor de teatro. Os restantes nomeados para essa categoria, à excepção do Henrique Feist, fizeram texto de teatro de uma maneira geral e não cantaram.

Mas se tivesse cantado mal no “Um Violino no Telhado” nunca teria merecido o prémio...

Tendo em conta que o espectáculo é um musical, é claro que tenho que cantar. O Carlos Meireles (director vocal), além de fazer o favor de ser meu amigo, é um entusiasta dos actores e dos cantores. Mas ele sabe muito bem que não é bem assim. Eu não sou um cantor em toda a acepção da palavra. Não tenho essa formação, nunca fui e não pretendo sê-lo. Eu sou um actor que canta e tem ouvido musical, que vai atrás da música. Mas de

todo que não me considero cantor.

Neste espectáculo tem várias interpretações a solo, algumas delas arrepiantes, em que claramente não vai atrás da música. Quando muito, a música pode ir atrás de si...

Eu tenho noção rítmica, o que me permite entrar “a tempo”. Isso não tem a ver com cantar bem ou mal. A tradição vocal é que é uma coisa natural e eu, felizmente, que a tenho.

Quando interpreta o “Sou o que sou”, revela-se?

Por acaso não estou muito de acordo. O “Sou o que sou”, como o “Ai se eu fosse rico” são duas canções emblemáticas, mas canções acima de tudo de boa interpretação. E interpretação não tem a ver com a questão vocal. Eu volto sempre à Revista à Portuguesa para dizer que a Revista é uma bellissima escola. Aprendemos de tudo. Mesmo sem saber cantar muito bem, quando é obrigada a interpretar uma canção, a pessoa dá-lhe a volta com a expressão dramática. A interpretação não quer dizer que as cordas vocais sejam boas. Assim como há cantores que interpretam muito mal. E claro que eu sei de pessoas que têm muita dificuldade a representar. O Filipe [La Féria], aliás, faz sempre castings muito selectivos porque cantores até há muitos e fabulosos. Mas, quando se passa para a representação é muito complicado conjugar as duas coisas. O dom vocal é uma



Tive que estar quatro meses em ensaios a andar de salto alto; tive que andar muito com a postura feminina de um lado para o outro, além de fazer a peça toda várias vezes por dia, de início ao fim. As pessoas não sabem, mas é intenso e violento o ensaio de uma peça de teatro.

coisa que nasce com a pessoa. O dom de representar também. Mas são coisas muito diferentes. Eu tenho o dom de representar, acho eu. O de cantar, não o tenho como têm os cantores, mas tenho uma coisa que se apro-

xima e ainda bem, porque me permite “enganar” um bocado o pessoal.

Quando viu que os temas da “Gaiola das Loucas” exigem uma grande interpretação

musical, chegou a reear o papel?

Não, porque quando eu parto para um desafio, parto com a convicção de que terei que o vencer com a ajuda do encenador e dos colegas. Depois, cada um de nós tem características muito próprias. Claro que outros colegas fariam o mesmo papel de uma maneira diferente. Por muito versáteis que sejamos, há sempre características da própria pessoa que acompanham a personagem. Isso é fatal.

Uma das suas grandes características é o facto de ser capaz de improvisar e fazer diferenças na personagem, mesmo em dois espectáculos seguidos. Nunca provocou nenhum embaraço no palco?

Claro que sim, tantas vezes. Eu gosto muito de improvisar, principalmente em Revista. A Revista é espectacular, porque nos permite improvisar no meio dos números. O público gosta disso. Nestes espectáculos do Filipe [La Féria] é mais complicado. Para já, porque há um texto original que tem que ser respeitado. Depois, porque as situações não dão assim muito para isso. Na “Gaiola das Loucas” dá mais do que no “Um Violino no Telhado” porque há comédia.

No futuro, com o sem La Féria, sonha fazer o quê?

Eu sonho continuar a ser feliz. Em termos profissionais não tenho sinceramente objectivos.

28 anos de carreira. É um actor e um homem rico?

Não. Eu posso ser um rico homem, mas homem rico não sou de certeza. Não me importava nada. Eu, infelizmente, não ligo nenhuma ao dinheiro. O dinheiro é importante na sociedade em que vivemos porque nos dá a possibilidade de fazermos aquilo que não podemos fazer sem ele. Podemos viajar, que é uma coisa que eu adoro.

Qual é a sua viagem de sonho?

Uma das muitas é Ouro Negro, no Brasil. Há coisas no mundo lindíssimas. Eu nasci em Angola e há muitos paralelismos com o Brasil. Vim para cá com 12 anos e fiquei com muitas referências de África. Sou um amante de África e nunca mais lá fui, a não ser a Marrocos. Quero ir outra vez à minha terra, a Angola. Quero lá levar a minha namorada e os meus filhos.

PARQUE MAYER

“Já não acredito nos políticos”

O Parque Mayer voltou à cena porque Santana Lopes, um dos candidatos à Câmara Municipal de Lisboa, anunciou que uma das medidas a tomar, se for eleito, é voltar a trazer ao Parque Mayer a vitalidade de outros tempos. Ainda acredita nas promessas dos políticos? Gostava que isso acontecesse?

Sinceramente não acredito. E não é só pelos políticos. É principalmente pelo sistema que está criado, que nem deixa que alguns políticos que querem mesmo fazer alguma coisa o façam. O sistema está de tal forma enraizado que as leis, o dinheiro e o poder estão centrados nos que têm dinheiro e nos políticos que fazem as leis. Está uma teia tão encruzilhada que eu acho que é muito difícil que algum político ultrapasse isso e faça outras leis. O caso do Parque Mayer é uma questão de interesses económicos. Enquanto aquilo gerar dinheiro, vai estar assim o tempo que quiserem. Aquilo é uma grande vergonha. Eu gosto muito do Parque Mayer, actuei em três dos teatros. Só não actuei no

Capitólio. Em 1982, quando eu lá entrei, mesmo estando em decadência, aquilo já era um corrupio lúdico. E agora isso não existe. O Parque Mayer são quatro teatros que estão em decadência, a destruir-se, abandonados, com excepção do Maria Vitória. Eu falo sempre do Hélder Freire Costa, o empresário do teatro Maria Vitória, que é um homem que, pelo seu amor à Revista, tem dedicado todo o seu amor àquele teatro. Os outros três teatros são espaços físicos públicos. Era só restaurá-los. Já me apresentaram as soluções todas do mundo, políticos, empreiteiros a dizer que é impossível fazer alguma coisa por eles, que estão a cair. É tudo mentira. Se a vontade política fosse muita, eles restauravam aqueles teatros. Era possível. E, ao contrário do que se diz, são teatros fantásticos. Como é que numa capital europeia se pensa deitar teatros abaixo assim? Todos os anos há projectos para aquilo, todos os executivos têm propostas diferentes, que nunca se concretizam porque há outros interesses e muito estranhos.

“Deveria haver intercâmbio cultural entre países de expressão portuguesa”

Gostava de representar em Angola?

Quero. Eu até acho que o La Féria devia lá ir com estes dois musicais. Isso até devia ser uma coisa normal. Se fossemos ingleses ou franceses isso já tinha acontecido. Eu não entendo como é que, em Portugal, não há um intercâmbio cultural entre os países que falam português. Estes musicais têm a dimensão que têm, os representantes dos autores vêm cá e dizem maravilhas dos espectáculos do La Féria. Agora imaginemos o que era estes espectáculos irem aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa com acordos e com o apoio da classe política e cultural. Eu acho que é um crime perder-se essa possibilidade.

Até porque o que é genuinamente português, a série “Morangos com Açúcar”, é um exemplo de sucesso em Moçambique e Angola. É a prova de que, eventualmente, um produto português provavelmente seria um grande sucesso.

Com certeza. A língua é a mesma. Basta isso. Ainda por cima, estes espectáculos do Filipe [La Féria] têm a vertente cultural e a vertente lúdica, portanto as pessoas também se vão entreter. Eu acho mesmo criminoso não se aproveitar estes e outros espectáculos. Isto, num estádio, num desses países, enchia.

Há alguma coisa na área profissional que ainda não tenha feito e gostasse de fazer? Cinema, por exemplo?

Fiz recentemente os filmes, o “Call Girl” e “Corrupção”. Nos últimos três ou quatro anos, participei numa série de filmes. Agora tive que dizer que não a um filme em São Tomé e Príncipe, aonde adoraria ir, mas não podia porque estou aqui a fazer a peça. São opções.

O que é que lhe falta profissionalmente?

Eu gostava muito e vou fazer comédias. Não musicais. Comédias, que é um género que em Portugal tinha muitos adeptos e que deixou de se fazer com a regularidade que se fazia.

É um comediante?

De uma maneira geral, os actores são comediantes. Não quer



dizer que se faça só comédia. Comediante é o actor versátil, completo. Gosto muito de me rir e de fazer rir. Às vezes pergunto-me se eu sou cómico. Eu sou um actor e dá-me gozo poder fazer de tudo. A dobragem de desenhos animados, por exemplo. Eu gosto de experimentar esses registos todos e eu, felizmente, tenho conseguido fazer vários registos. Mas é verdade que me sinto bem na comédia porque gosto de me divertir. Eu, na vida, não sou assim lá muito divertido. Na rua, eu sinto que as pessoas estão à espera que eu seja engraçado, que conte uma anedota. Não sou assim. Sou muito tímido e isso

acontece com muitos actores de comédia.

Então representa bem a vida? Pois, a intenção é essa.

Alguma palavra final para os leitores do Audiência?

Um grande abraço aos leitores do Audiência, que é um jornal que gosta do teatro e isso é muito bom porque, hoje em dia, é muito raro os jornais falarem com os actores. Antigamente era uma coisa normal e, nesse aspecto, o jornalismo regrediu. Então em relação ao teatro popular há um preconceito da parte dos media que eu não entendo. E vocês, felizmente, fogem a essa linha.

O PORTO

Já há ano que está residente no Porto e no Rivoli. Sente-se em casa?

Sim, completamente. O hotel onde estou já parece a minha família. No Rivoli também já conheço aquela gente toda, para além do meu grupo de trabalho que são cento e tal pessoas. O Filipe [La Féria] conseguiu uma mega empresa de teatro. Não conheço mais estrutura nenhuma assim. Realmente isso é de louvar.

Está num patamar elevado de popularidade. Alguns colegas seus têm dito que o público do Norte é muito exigente e você tem suplantado as expectativas. Concorde?

Com a popularidade, sem dúvida. Neste momento, felizmente, tenho-a. Granjeei-a através da televisão e do teatro. Há actores que são conhecidos pela sua carreira a nível do teatro e, depois, quando vão à televisão são reconhecidos e adquirem ainda mais força em termos de popularidade. Mas, eu acho que as pessoas me reconhecem, acima de tudo, pelas coisas que eu tenho feito pelo teatro e isso é que me dá um prazer fabuloso. Eu agora deixei de fazer televisão, fiz a “Rebelde Way”, para Sic e o “Contame como Foi”, para a RTP. Neste

momento estou a recusar muitas coisas. Algumas que eu gostaria de fazer, mas esta vida que eu tenho levado de estar no Porto, ir para Lisboa gravar, dormir apenas duas horas e regressar ao Porto é de loucos. Essa é que é a verdadeira “Gaiola dos Loucos”.

Já abrandou, portanto...

Eu tenho que abrandar. Vou deixar de fazer televisão, pelo menos durante uns meses. O Filipe La Féria está a pensar fazer a “Gaiola das Loucas” até o público querer mas, em princípio, pelas contas normais, deverá manter-se até ao fim do ano. Depois, ele vai querer fazer o “Um Violino no Telhado” e a “Gaiola das Loucas” em Lisboa. Aí, irei para Lisboa fazer, pelo menos, mais um ano ou dois com estes dois espectáculos. Voltarei à base e já poderei, também, fazer televisão. Enquanto estiver aqui não me quero meter noutra aventura dessas. Não fazendo televisão, as pessoas conhecem-me, na mesma, na rua. Há actores que ficam na memória do público e eu felizmente tenho tido a sorte das pessoas me acarinharem por trabalhos não só da televisão, mas essencialmente de teatro. Especialmente aqui no Norte, as pessoas abordam-me devido à minha participação nestes dois musicais.

Os seus projectos de futuro passam por voltar a Lisboa, mas Filipe La Féria também é inovador nessa área. Se o convidassem para continuar no Porto, não gostava? Não é que não gostasse. Eu gostava muito de fazer o “Um Violino no Telhado” e a “Gaiola das Loucas” em Lisboa porque, quer queiramos quer não, Lisboa é o centro cultural deste país. A Lisboa afluí também uma série de gente do Centro e Sul do país. Quer queiramos quer não, Lisboa é um pólo cultural muito mais extenso do que o Porto. Aqui no Porto, estar o “Um Violino no Telhado” nove meses em cena foi um recorde. Que eu saiba nunca uma peça esteve tanto tempo em cena. E isso quer dizer que cada vez mais o público do Norte adere ao teatro, e ainda bem.